

Músico. RUA, VÍTOR Manuel Ferreira (n. Mesão Frio, 23 Jul. 1961). Guitarrista, compositor e produtor. Músico autodidacta, excepcionalmente estudou guitarra na Escola de Música Duarte Costa de 1974 a 1976 em curso leccionado por José Pina, no Porto, cidade onde viveu até 1982, ano em que passou a sediar-se em Lisboa.

Em 1970 optara pela guitarra eléctrica e, a partir de 1971, iniciou actividade profissional, integrando *conjuntos executantes de "covers" de *pop-rock e criando grupos de rock para executar originais e com influência do "rock sinfónico".

Entre 1976-77 integrou o grupo King Fisher's Band (formação portuguesa de "covers" de folk-rock) inicialmente enquanto teclista, posteriormente como bandolinista, percussionista e cantor, apesar de perseguir uma orientação musical diferente dos restantes elementos.

Optando por dedicar-se apenas ao rock, fundou com Alexandre Soares, em 1979, o GNR, acrónimo de Grupo Novo Rock; com esta formação, gravou as primeiras composições de sua autoria com grande impacto popular (e.g. "Portugal na CEE", 1980 e, "Sê um GNR", 1981); em 1981 convidou Rui Reininho para integrar o GNR e dirigiu a gravação do primeiro LP ("Independência", 1982, obra de culto); com esta sua banda deu vários concertos, com destaque para o derradeiro no Festival de Vilar de Mouros de 1982.

No mesmo ano, participou enquanto produtor e compositor nos fonogramas de Manuela Moura Guedes (Álibi, 1982) e de António *Variações (Anjo da Guarda, 1983. Em 1982 conheceu pessoalmente Jorge Lima Barreto; o convívio e a influência deste último terá sido decisiva para a sua mudança definitiva de rumo musical, tendo com ele formado o grupo *Telectu e editado nesse ano "Ctu Telectu", álbum de transição do rock para a nova música improvisada e electronic live (1982).

Divergências jurídicas que durariam até meados de 1990, criaram um cisma sobre a propriedade da sigla GNR; desde 1983 e passou a dedicar-se primordialmente ao duo Telectu, numa carreira que ainda hoje continua, magnificada por dezenas de fonogramas e videogramas, centenas de concertos, e espectáculos multimedia e interarte onde revelou o seu enorme de talento de guitarrista electrónico, polinstrumentista, compositor, inventor de protótipos, políartista: teve esporádicas e controversas recorrências ao pop rock e experimentalismos marginais tendo criado alguns grupos com edições discográficas em LP (e.g. "P.S.P.", 1988; "Pipocas", 1989; "Clássicos GNR", 1991; "mimi tão pequena e tão suja", 1991: "VR e os Ressoadores", 1994; "scratch", 1995; e .a.); foi mentor e produziu alguns CDs de grupos como "Rui Azul /Pressões Digitais" e "Repórter Estrábico", ambos de 1994 ; "Perve - segmento", 1995; "Pedro Alçada/ Coty Cream", 1996.

Em 1990 idealizara e produziu a iniciática antologia de nova música improvisada, Vidya, que reuniu alguns dos principais músicos da área (e.g. M. Azguime, C. Zíngaro, R. Toral, N. Rebelo, Sei Miguel, Tozé Ferreira, Osso Exótico, J. P. Feliciano, Saheb Sarbib, J. Lima Barreto e Elliott Sharp, e.a.). A partir desta data encetara uma aprendizagem própria e singular da notação musical, iniciando uma carreira enquanto compositor de *música clássica contemporânea.

Em 1994, formou o agrupamento Vidya Ensemble para a interpretação de algumas das suas obras (e.g. "Vidya Ensemble - Stress/Relax", 1996). Posteriormente, intérpretes virtuosos como a soprano Ana Ester *Neves (e.g. "a vaca de aço" e "os galos de Madeira" sobre poemas de Herberto Helder; "tocata 2", poesia de M. Cesariny); o poli-saxofonista Daniel Kientzy (no CD "sax works" 2003; algumas obras: "Gula", "Musique Céréale", "Cyberpunk", e.a.); o trombonista Giancarlo Schiaffini na criação de "Síndrome de Babel"); o pianista John Tilbury (e.g. "gracefull brilliance", "spin", e.a.); os flautistas de bisel Kathryn Bennets, Peter Bowman (e.g. "duplicator II" na antologia "flights of fancy", Londres, 2003), e.a., gravaram e interpretaram obras de sua autoria em concertos e festivais nacionais estrangeiros (em CD: "works", 2001).

Entrou com uma composição no fonograma "In Memoriam Peixinho", Paris, 2001. Desde a mesma década, compõe regularmente em trabalhos de música funcional para *dança (e.g. Paulo Ribeiro, 1996, "rumor dos deuses"; João Fiadeiro, 1997-1999, "mindfield"; João Galante e Teresa Prima 1997-2003, "new babilonia"; Paula Castro, 1998; Aldara Bizarro, 2002/ 2003, e.a); para teatro (e.g. Cornucópia, 1984, 2002, Zimbelino"; Jean Jourdhel, 1997, "Germania III"; Ricardo Pais, 1997-2003, "Noite de Reis", "As Lições", "A Castro" ou "Hamlet"; Nuno Carinhas /Mário Cesariny, "um auto para Jerusalém", 2002; e.a.); para cinema (e.g. Edgar Pêra, 2001-2003, "o homem teatro"; para performarte (e.g. Elizabete Mileu, Rui Orfão, 1987; J. Galante, 2001-2003; Objectos Perdidos/Paulo Eno, 1987-2003, e.a.). Como videasta singular criou obras de video music e ficcionais, como "O Alienado", 1988; "Vidya", 1989; "Efeito Borboleta", 1995; "A Poeira de Cantor", 1996; "Sex Drive", 1997; "Etaoin", 1999; e.a. ; e, compôs música para videogramas de E.M. de Melo e Castro, 1985-1991, Rita Nunes, 1999, Edgar Pêra, 2002-2003, e.a. Concretizou música para instalações (e.g. esculturas multimedia de Joana Vasconcelos, 2002-2003); produziu vários discos de autores experimentalistas, deu conferências e leccionou seminários privados e públicos; autor do programa de rádio "Cantão do Rock", Macau, 1989.

Escreveu o livro " A música na era do porquinho Baby"; redigiu vários manifestos sobre rock, música contemporânea, jazz, improvisada, num estilo irónico e pedagógico. Foi intérprete em vários dos discos de pop experimental que produziu e, com Telectu, actuou e gravou internacionalmente, com diversos músicos de grande

projectação cultural. A sua técnica instrumental caracteriza-se pelo recurso a patterns na execução de escalas baseadas na linguagem modal, sobretudo no desempenho de improvisações no âmbito do pop-rock.

Na criação de música improvisada, recorre frequentemente a técnicas instrumentais menos comuns (designadas “instrumental extended techniques”) de modo a explorar as várias potencialidades tímbricas e texturais.

É também frequente o uso do processamento electrónico do som. Com uma forte componente humorística (no uso de alguns timbres, nas técnicas instrumentais e vocais, nos textos, e.a.); o seu estilo composicional é igualmente caracterizado pela exploração de pequenos fragmentos (uma escala, uma sucessão de sons, uma pequena frase rítmica) e pelo recurso a técnicas instrumentais menos comuns (e.g. tapping no contrabaixo) para a obtenção de timbres específicos, não directamente associados à fonte sonora que os produziu.

Na sua escrita musical procura igualmente utilizar símbolos gráficos, por vezes inovadores. É frequente o recurso à tecnologia informática aplicada, à música e a técnicas de sampling e processamento electrónico do som no seu método de génese. Desempenhando várias funções em diferentes actividades artísticas, a sua acção pautou-se pelo cruzamento e aproximação de diferentes domínios da música. A sua carreira constitui igualmente o paradigma do músico que, iniciando actividade no âmbito do pop-rock, foi progressivamente aproximando-se dos círculos e das práticas de produção erudita, como o minimalismo; uma trajectória solipsista, encantatória, intervencionismo estético vivaz.

Multimedia.

MÚSICA PARA PERFORMANCE:

Neon, 1982;
Carlos Gordilho, 1984 - 89;
Manoel Barbosa 1984 - 98;
Silvestre Pestana 1982 - 85;
Paulo Eno 1985 - 97.

MÚSICA PARA TEATRO:

Cornucópia, 1984;
Jean Jourdheil 1997;
Ricardo Pais 1997-1999.

MÚSICA PARA DANÇA:

Paulo Ribeiro, 1996;
João Fiadeiro, 1997-98;
João Galante e Teresa Prima 1997-98-99;
Paula Castro, 1998.

MÚSICA PARA POESIA:

M. de Melo e Castro, 1982 - 95;
Eugénio de Andrade, 1986.

MÚSICA PARA VÍDEO:

António Palolo, 1983 - 97;
Ernesto Melo e Castro, 1985 - 91;
Manoel Barbosa 1984;
Rita Nunes, 1999;
Edgar Pêra 2001.

MÚSICA PARA CINEMA:

António Palolo (1985);
Manuel Moços (1999);
Rita Nunes (2000);
Edgar Pêra (2001-2009).

Produtor.

Co-produção em todos os discos de Telectu;
Todos os discos a solo;
Loosers (2007).

Conferências / Seminários.

Perestrock, Lisboa 1987;
Rock em Portugal, Coimbra 90;
Seminários de Guitarra, Lisboa 1993, 94, 95 e Beijing 1997;
Nova Música, Coimbra 96 e Caldas da Rainha 1998;
Escola do ARCO 2000;
Workshop Ressoadores (1993-2009) Lisboa;
Conferência na Escola Superior de Dança (2007).
“Hasta la vista Baby”, Universidade Nova de Lisboa,
Fórum de música & cinema, 2010.
“O Som no Cinema”, Fórum de Filosofia de Almada, 2011.
“Uma Vaca Flatterzungue”, Universidade Nova de Lisboa, 2011.
“Música para Cinema”, Universidade do Minho, 2011.
“Hasta La vista Baby”, Música para Cinema, ESBAL, 2012.
“Som e Silêncio”, Ciclo de conferências, Galeria Luís Serpa, 2012.

Cinema e vídeo

Estuda vídeo com o pintor e videasta António Palolo, entre 1984 e 1987.
A partir de 1985, inicia-se como vídeo-artista, numa interdisciplinaridade com o “som” e “música”.

Vários vídeos expostos em vários Festivais Nacionais e Internacionais.
Prémio “Novos Vídeos”, instituído por Vasco Granja, 1987.
Prémio “Multimedia Works”, c/ a obra: “Vocce di una Città Immaginaria”, Eslovénia, 2006.

Rádio.

Cantão do Rock, Macau 1989 - 90.

Videasta.

Vídeos principais:

Vídy, 1989;

Halley, 1985;

Efeito Borboleta, 1995;

A Poeira de Cantor, 1996;

Sex Drive, 1997;

Cyberpunk, 1987;

Etaoin 1999.

Compositor. Em 1987 num voluntarioso acto de autodidaxia considerou decisivamente o estudo da notação da música contemporânea e neste contexto evoluiu de forma meteórica.

A sua obra reflecte um trabalho de recorte pós-moderno, preliminar, variegado, da recusa empirista da confinação cultural, laivo nas fronteiras estilísticas e ideológicas.

Intérpretes como **Daniel Kientzy, John Tilbury, Frank Abbinanti, Peter Bowman, Kathryn Bennetts, Ana Ester Neves, OrchestraUtópica, Drumming, Remix Ensemble, Goram Morcep**, gravaram e/ ou interpretaram obras deste compositor em concertos e **festivais nacionais e internacionais**.

COMPOSIÇÕES PRINCIPAIS:

Cyberpunk 1987 – Piano, órgão positivo, percussão, vibrafone (Menção honrosa: Concurso de Música promovido pelo Instituto da Juventude, sendo o júri constituído pelos compositores: Filipe Pires, Cândido Lima, Paulo Brandão).

Musique Céréale 1997 – sax soprano (Bucareste: Museu Nacional de Arte, 1997) interpretada por Daniel Kientzy.

Truffle Sax 1998 – sax barítono, tape e electrónica live (Granada: Teatro Alhambra, 1998) por Daniel Kientzy.

Gula 98 – Saxofones soprano e barítono, tape, vídeo (Lisboa: Culturgest 1998) por Daniel Kientzy.

Cyberpunk 1998 – saxofone baixo (Veneza: Museu Correr, 1998 e Perpignan: Auditório do conservatório) por Daniel Kientzy.

Gracefull Brilliance 1999 – piano (Lisboa: Centro Cultural de Belém, 2000) por John Tilbury.

Duplicator I 99 – 2 flautas Alto de bisel (York: Colourscape Festival, 1999 e Londres: Purcell Room, 2000) pelo Ensemble QTR (Peter Bowman e Kathryn Bennetts).

Duplicator II 2000 - 2 flautas Alto de bisel, banda magnética, vídeo (Canterbury Christ Church, 2000) Ensemble QTR.

Ciclo De 3 Canções 2000 - piano e voz (Lisboa: Grande Auditório Da Fundação Calouste Gulbenkian) por José de Sousa, piano e Ana Ester Neves, voz.

Design.

CAPAS DE LIVROS:

Droga de Rock, Musa lusa, Telefax Stradivarius, b-boy (Jorge Lima Barreto).

CAPAS DE DISCOS:

Vídy, Stress Relax, Clássicos GNR, Pipocas, À Lagárdère, Mimi, Evil Metal (c/ JLB), Piano Works (VR), Telectu Solos.

PINTURA:

Tim Tim por Tim Tim (Galeria Novo Século).

Prémios.

Prémio do conservatório de Paris de composição (1999) – Saxopera.

Prémio regional de França (2001) – Saxopera II.

Prémio Multimédia de Zagreb (2004) – Vocci di una città imaginaria.

Habilitações Académicas.

Mestrado em Ciências Musicais, Etnomusicologia, 2011.

Doutorando em Ciências Musicais, Musicologia Histórica, 2012.

Mestrado em Ciências Musicais, Etnomusicologia, 2011.

Doutorando em Ciências Musicais, Musicologia Histórica, 2012.

Ensino

Professor de "Som e Artes Visuais", na ESTAL, 2010-2012.

Professor de Vídeo e Som, DOCUMENTAVIDEO, 2011.

TELECTU. Duo musical constituído por Jorge *Lima Barreto e Vítor *Rua, formado em 1982 na III Bienal de Vila Nova de Cerveira.

No mesmo ano editou o álbum “Ctu Telectu”, numa formação heterodoxa de piano, órgão electrónico, cravo, sintetizador, guitarras eléctricas baixo e solo, guitarra portuguesa bateria e voz.

Desde cedo, a prática musical do duo foi orientada por um programa de experimentação de diferentes soluções interpretativas e composicionais, a par de uma rara actualização tecnológica; este cariz experimental levou a que essencialmente interpretasse as suas composições, com excepção de peças conceptuais como as “Vexations” de E. Satie, 1980 e, as “Compositions 1960” e “X for Henry Flint” de La Monte Young, 1982.

Telectu criou partituras gráficas, tablaturas, tatuagens instrumentais, e considerou o disco e o vídeo como fixação e suporte dos seus trabalhos.

Laboratório para sínteses de pop experimental e improvisação electroacústica, ao longo da década de 1980 a sua produção foi marcada, primeiro pela introdução em Portugal da música minimal repetitiva, concocção de electronic live, banda magnética, percussões heteróclitas, guitarra electrónica exibida com mestria por Rua, vibrafone, piano eléctrico, computador de ritmos, e um desfile de modelos de guitarras, teclados protótipos, passarela de engenhos digitais, percussões glabras e electrónicas; exotismos instrumentais, tratamentos acústicos em tempo real até cerca de 1986, com edições discográficas relevantes em vinilo (e.g. “Belzebu”, 1983; “Off-Off”, duplo, 1984; “Performance”, 1984; “Telefone, Live Moscow”, 1985; “Fundação”, 1985; “Rosa-Cruz”, 1985; “Halley”, 1986, álbum de luxo com serigrafia de Palolo; “Data”, 1986 - video music), episodicamente reeditados em CD (e.g. “.Belzebu”, 1995; “Leonardo Internet, USA/ USSR”, 1997; ou “Mimesis, minimal works”, 1998); depois, optou pela busca de novas tipologias musicais denominadas “jazz-off”, “música mimética”, “rock-pop-off”, “nova música improvisada”, e.a. teorizadas em livros ou artigos de J.L.B., ou em propostas pedagógicas, manifestos que acompanhavam concertos ou edições discográficas e/ou videográficas; reconhecido como um grupo de culto, Telectu apresentou inovações instrumentais e dispositivos de ponta, como o e-bow, o sampler, o stick chapman, controladores digitais de sopro, corda e percussão, o DAT, a workstation, a wavestation, o EWI, o sound sistem digital, processadores, sequenciadores; uma extravagante parafernália electrónica, instrumentarium etnográfico, como o sitar e a tâmara indianos, a africana kalimba, pipa, sheng e gongues chineses, protótipos como o litofone, flautas e idiofones asiáticas e sul-americanas, o australiano didgeridoo, esculturas sonoras ou cordofones inventados por de Rua (e.g. “Ben Johnson”, duplo, 1987; “Camerata Elettronica”, duplo, 1988; “Live at the Knitting Factory”, 1989; “Encounters II”, com Jean Sarbib 1989; e “Digital Buiça”, 1989).

Os anos 1990 apontaram para o desenvolvimento de uma carreira centrada na improvisação estruturada, no fraseado idioletal, polirritmos, agregados, clusters, sons concretos da natureza, domésticos, industriais ou urbanos, sinusoidais, ruídos, sintagmas vocais, mimese que recria imagens e códigos fora dos padrões instituídos, estilo “groove” como imitação digital do instrumento acústico, hibridações estilísticas e tipológicas, e.a. técnicas e recursos tecnológicos; requisitou colaboração de artistas portugueses do desde os anos 1980 (e.g. Jean Saheb Sarbib, C. Zingaro, Nuno Rebelo, Sei Miguel, Filipe Mendes, António Duarte, R. Toral, M. Azguime, e.a.); Telectu passou a convidar frequentemente músicos estrangeiros de absoluto primeiro plano no movimento estético congénere (e.g. os saxofonistas, clarinetistas ou sopradores, Evan Parker, T. Hodgkinson, J. Butcher, L. Sclavis, D. Kientzy; os trompetistas J. Berrocal, H. Robertson; os trombonistas G. Schiaffini, Paul Rutherford; os bateristas C. Cutler, Sunny Murray, B. Altschul, P. Lytton, E. Prévost, G. Hemingway; o políinstrumentista Elliott Sharp; os criadores de electronic live Ikue Mori, Reina Portuondo; e.a.) cujas parcerias resultaram na edição esporádica de fonogramas como registo dessas sessões (e.g. “Evil Metal”, com Elliott Sharp 1991; “Oh! Pazuzu”, para percussão, 1992; “Theremin Tao”, 1993; “Biombos”, live Beijing, Macau, Hong Kong, 1993; “Telectu/Cutler/Berrocal”, 1995; “À Lagardère”, com Berrocal, 1996; “prélude, rapsodies & coda”, com D. Kientzy, 1998; “jazz-off / multimedia”, com Sclavis e Berrocal, 1998; “Kientzy / Telectu - acústica amorosa”, 2002).

Nos finais do século XX e inícios do 3º milénio, Lima Barreto adoptou progressivamente o piano (teclas, cordas, percussão, preparado) e Rua informatizou o seu discurso com o computador, o eventide; declinando um discurso pósmodernista de acentuada verve jazzística, sobreposições de formas, jogos de citação, radicalismo performativo, espectáculo de vídeo e luminotecnia, novos procedimentos de produção, noções de espacialização (e.g. “Solos”, duplo, 1999; “Drulovic Remix”, computer music, 2001; “Quartetos”, triplo, com S. Murray, Hemingway, Prévost, Chant, 2002); incluídos em notáveis antologias como “State of The Union”, New York, 2001; “Bed of Sound”, Contemporary Art Center, New York, 2001; “Exploring Music From Portugal”, London, 2001; “Antologia da Música Electronica Portuguesa”, 2003.

Nas duas décadas de existência acumularam inúmeros registos em cassete áudio e vídeo, DAT, CDROM, CDI, banda magnética, computador, um espólio projectado para futuras e eventuais edições.

Ao longo de toda a carreira e numa diversificada praxiologia, apresentou-se em festivais (e.g. Vilar de Mouros 82; é o agrupamento com maior número de presenças na Festa do Avante!; Performance Portuguese, Paris; Encontros de Nova Música Improvisada no CAM; Ó da Guarda; Co-Lab; Fonoteca Files; Música Experimental de Coimbra; Semana de Música Contemporânea, Bucareste; Música de Vanguarda, Granada; Graça Territori, Barcelona; Nova Música, Madrid; Atlantic Waves, Londres; Bienais de Cerveira, Alternativa, de Arte dos Açores, Barcelona; actuações alternativas

nos principais festivais de Jazz em Portugal, e.a.); galerias e museus; teatros, salas de concerto e auditórios (e.g. Conservatórios de Beijing, Versailles, Perpignan; Salle Olivier Messiaen, GRM, Paris; Sala Lecuona, Havana; Sala Enescu, Bucareste; Teatro Wulk, Viena; Knitting Factory e Tonic, Nova Iorque; Quasimodo, Berlin; Casa Garden, Macau; Jazz Club, Hong Kong; Keep in Touch Club, Beijing; Romanische Café, Tóquio; Auditório Lenine, Moscovo; em diversas instituições como o Centre G. Pompidou, Paris; Fundacion Miró, Barcelona; Centro Viriato; Fundação Serralves; Fundação C. Gulbenkian; Centro de Arte Moderna; Centro Nacional de Cultura; SPA; Universidades de Beijing, Washington, e.a.) onde desenvolveu uma prática de improvisação conjugada com outras posturas performativas e poliartísticas não musicais e cenografias originais; realizações com actores, pintores, videastas, e.a.; nestes eventos performativos (sobretudo nos anos 1980, recorria frequentemente à surpresa e à ironia como estratégias de resistência e de criação de situações surpreendentes.

Telectu desde a sua origem envolveu-se em projectos interartísticos e multimidiáticos, com destacados artistas nacionais. Instalações musicais multimedia de elevado gabarito (e.g. “EBRAC”, J. N. Câmara Pereira, J. Listopad, 1986; a série “Périplo”, deambulatório multimédia, com António Palolo iniciada na inauguração Casa de Serralves, 1986; desde 1985 desenvolveu com Palolo o projecto “Video Garden”, vídeo, luminotecnica, plantas, para os mais importantes concertos).

Telectu é o mais importante grupo musical português ligado à performance, desenvolvendo situações sónicas, corporais, cénicas e psicodramáticas (e.g. Silvestre Pestana, 1979 – 92; Mineo Iamagushi, 1980-84 ; Neon, 1982-1990 ; Atitudes, 1982; Carlos Gordilho, 1984-89; Manoel Barbosa, 1984 – 2003; Fernando Aguiar, 1981- 2000, e.a.); interacção com a poesia de Eugénio de Andrade (vídeo, 1986), poesia s concreta, fonética, infoarte (e.g. E.M. de Melo e Castro, “poema soma 14 x” , declamado por João Perry, 1983- 2000; “X Musatomias para 10 poetas portugueses”, CAM, 1983, Lisboa, e.a.); música funcional par teatro (e.g. Cornucópia, J. Listopad, e.a.); música para cinema (e.g. o singular filme minimalista de Palolo, “OM”, 1984); música para video arte (e.g. Silvestre Pestana, 1982-1989 ; António Palolo, 1983-2000; Ernesto de Sousa; e Wolf Vostell, 1986); arrolou uma videografia própria da autoria de Rua e Palolo em obras paradigmáticas como “Autoloop”, 1986; “Compgraf”, 1988; a série de animação “o carro amarelo”, 1985-1988; desde 1984 que a melhor parte dos concertos de Telectu foram videogravados; articulou o material sonoro, o fonograma enquanto objecto estético, capas, iconografias e cartazes, realizadas por Palolo ou pelo dois músicos, utilizando materiais e técnicas gráficas inusitadas como cortiça, seda, serigrafia, objecto multiforme, e.a.).

Telectu é o epitome de uma vanguarda, é, em Portugal, o mais significativo exemplo da música pósmoderna, aventura poliartística, trajectória rizomática obra aberta.

Catálogo de Obras.

MÚSICA COM TEXTO:

Poemas Zen

Herberto Helder (poemas)

1.

a vaca de aço (2000)

Canção para piano e soprano (gravado no grande auditório da Fundação Gulbenkian. José de Sousa, piano; Ana Ester Neves, voz)

6.

os galos de madeira (2000)

Canção para piano e soprano (gravado no grande auditório da Fundação Gulbenkian. José de Sousa, piano; Ana Ester Neves, voz)

2.

a verdade é como um tigre (2001)

Canção para flauta e soprano

16.

o vento pára (2001)

canção para flauta e soprano

Soneto Soma 14X (2000)

E.M. de Melo e Castro (poema)

Piano e barítono: José de Sousa e Priit Velme (gravado na Fundação Calouste Gulbenkian)

tocata II (2000)

Mário Cesariny (poema)

canção para piano e soprano

(gravado no grande auditório da Fundação Gulbenkian.

José de Sousa, piano; Ana Ester Neves, voz)

Uma vaca flatterzunge (2000)

Opereta num só acto com música, vídeo, libreto de Vítor Rua.

Instrumentação: piano, saxofones, trombone, tuba, quarteto de cordas, electrónica

Nachtmusik (2001)

Fernando Echevarría (poema)

Canção para orquestra de cordas e soprano

La musica é tutta relativa (2002)

Piano e barítono: José de Sousa e Priit Velme

(gravado na Fundação Calouste Gulbenkian)

PIANO SOLO

What time is it? (1996)

(gravado na sala de ensaios do grande auditório do Centro Cultural de Belém. John Tilbury, piano)

Spin (1997)

Piano e assobio

(gravado na sala de ensaios do grande auditório do Centro Cultural de Belém. John Tilbury, piano e assobio)

Whistle piano I (1998)

(gravado na sala de ensaios do grande auditório do Centro Cultural de Belém. John Tilbury, piano e assobio)

Whistle piano II (1999)

Piano e assobio

Graceful Brilliance (1999)

(gravado na sala de ensaios do grande auditório do Centro Cultural de Belém. John Tilbury, piano)

Poemas zen (2000)

Versão para piano solo das canções “a vaca de aço” e “os galos de madeira” (gravado na sala de ensaios do grande auditório do Centro Cultural de Belém. John Tilbury, piano)

Balance & Equilibrium (1998)

Piano solo

GUITARRA SOLO

Shrdlu (1995)

(primeira audição: Centro Cultural de Belém. Fernando Guiomar, guitarra. Editado pela “Farol”, 1997. CD “Stress/ Relax”)

SAXOFONE SOLO

Musique céréale I (1993/ 1997)

Saxofone soprano em si bemol

(primeira audição: 7º Festival de Música Nova de Bucareste, 1997. Saxofone, Daniel Kientzy)

Musique céréale II (1993/ 1999)

Saxofone soprano em si bemol e electrónica (eventide)

Ar (1998)

3 Composições:

truffle sax / criptogamia / truffevrai

Saxofone baixo, electrónica, cd, espacialização do som (8 altifalantes)

(primeira audição: “Le Festival des Creations Sonores Musiques Aujourd’hui, Perpignan, 1998.

Saxofone baixo, Daniel Kientzy; electrónica, Reina Portuondo)

Cyberpunk (1991/ 1998)

Saxofone barítono

(primeira audição: Fundação Teatro “La Fenice di Venezia”, Veneza, 1998. Daniel Kientzy, saxofone barítono; segunda audição: “Le Festival des Creations Sonores Musiques Aujourd’hui, Perpignan, 1998. Daniel Kientzy, saxofone barítono)

Gula (1999)

Composição multimédia, estruturada em 4 partes:

G: saxofone baixo; U: saxofone sopranino; L: saxofone baixo; A: saxofone sopranino,

Saxofone baixo, sopranino, electrónica, cd, espacialização do som (4 altifalantes), vídeo

(primeira audição: Culturgest, Lisboa, 1998. Daniel Kientzy, saxofones; Reina Portuondo/ Vítor Rua, electrónica)

Recette pour faire une souris (2001)

Dois saxofones contrabaixo e electrónica: Daniel Kientzy

(gravado no estúdio “NOVA MUSICA” ; primeira audição: conservatório de Chatelraut, 2001)

Saxopera I (2001)

Saxofones alto e electrónica: Daniel Kientzy

Saxopera II (2001)

Saxofones alto e electrónica: Daniel Kientzy

(gravado no estúdio “NOVA MUSICA” ; primeira audição: conservatório de Chatelraut, 2001)

PERCUSSÃO SOLO

Big Bang (1996)

Percussão: 2 gongs (grave e agudo), 2 temple blocks (grave e agudo), 2 wood blocks (grave e agudo), 2 triângulos (grave e agudo) (primeira audição: Centro Cultural de Belém, 1996. Beatriz Serrão, percussão)

TROMBONE SOLO

A Síndrome de Babel (2001)

Trombone: Giancarlo Schiaffini (gravado no Auditório da Casa da Cultura de Coimbra)

Traumbone (2004)

Trombone solo – encomenda da Casa da Música – interpretação de Simon Cohen

CLARINETE SOLO

AEROFONIA II (2002)

Clarinete: Fernando Pernas (gravado na Fundação Calouste Gulbenkian)

QUARTETO DE CORDAS

Noise (1999-2000)

2 violinos, viola, violoncelo

TRIOS

Slow fox (2000)

Piano, guitarra, clarinete

Trayas (1994-1995)

3 guitarras (Editado pela “Farol”, 1997. CD “Stress/ Relax”. Vítor Rua, guitarras)

AEROFONIA (2002)

3 clarinetes
Trio de Clarinetes (direcção: Fernando Pernas)
Primeira audição: Salão Nobre da Escola Superior de Música

DUOS

Zemlinsky: o antibiótico fractal

Guitarra, violino (amplificados)

Duplicator I (1999)

2 flautas alto de bisel, cd, vídeo, voz (primeira edição: Colourscape Festival, York, 1998. Peter Bowman e Katheryn Bennetts, flautas alto de bisel)

Duplicator II (2000)

2 flautas alto de bisel, cd, vídeo, voz (primeira audição: Royal Festival Hall, Purcell Room, 2000. Peter Bowman e Katheryn Bennetts, flautas alto de bisel; Mark Bromwich, projecção sonora; Segunda audição: 8º Simpósio Internacional de flauta de bisel, “Erta-Congress”, 2000. Peter Bowman e Katheryn Bennetts, flautas alto de bisel; Mark Bromwich, projecção sonora; Terceira audição: “Cantebury Christ Church, University College, 2000. Peter Bowman e Katheryn Bennetts, flautas alto de bisel; Mark Bromwich, projecção sonora)

COMPOSIÇÕES ACUSMÁTICAS

Rigoletto Remix (1998)

Percussão, sintetizador Roland JD-800, eventide, methasynth. Vítor Rua, Computador, electronics, percussão; Jorge Lima Barreto, percussão

Zeroth order I, II, III (1998)

Percussão, cordas, sopros, computador G3 Mac Vítor Rua, computador, electronics

Madame Cézanne (1999)

7 saxofones: contrabaixo, baixo, barítono, tenor, alto, soprano, sopranino. Gravado no estúdio “Acousmatech” G.R.M., Paris, 1999; Daniel Kientzy: saxofones; Vítor Rua: computador G3 Mac (G.R.M. Tools)

Ordem Zero (2000)

7 saxofones: contrabaixo, baixo, barítono, tenor, alto, soprano, sopranino, ensemble virtual. Gravado no estúdio “Acousmatech” G.R.M., Paris, 1999; edição “Nova Musica”, 2001 (Homenagem a Jorge Peixinho) Daniel Kientzy: saxofones; Vítor Rua: ensemble virtual (computador)

SAXOPERA (2001)

7 saxofones e ensemble virtual Daniel Kientzy: saxofones; Vítor Rua: ensemble virtual

GRANDE ENSEMBLE

Comme si (1995)

Soprano, baixo, coro (SATB), e quatro grupos instrumentais

ORQUESTRA

Six pieces for the next millennium (1996)

Para grande orquestra

Arbeit French Freis (2003)

Para piano e orquestra

ÓPERA

Uma Vaca Flatterzunge (2008)

Estreia na Culturgeste